PERSPECTIVA
SOCIOLÓGICA

ESTUDANTES-TRABALHADORES DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UERJ: PARADOXOS DA INCLUSÃO ACADÊMICA[1]

Vanessa Morais dos Santos[*]

RESUMO: A partir da expansão do Ensino Superior público em anos recentes no Brasil, da implementação de políticas públicas de ação afirmativa que tornaram o alunado mais heterogêneo e da promoção de programas de assistência estudantil (PNAES), constata-se uma alteração no sentido social da universidade pública brasileira. Historicamente considerada *locus* para formação das elites acadêmicas e econômicas, elas vêm, gradualmente, se transformando em espaço mais aberto e inclusivo. Constata-se entre seus egressos casos de primeiros membros graduados em suas famílias, como resultado do processo de incorporação de segmentos sociais antes alijados do acesso à matrícula. Apesar de mais inclusiva, a universidade pública tem um contingente de estudantes que é impossibilitado de vivenciar a experiência acadêmica em sua pujança devido a condição de *estudante-trabalhador*. A presente pesquisa discute processos antagônicos: de um lado a ampliação das oportunidades de acesso à matrícula em universidades públicas, de outro, a produção de novas desigualdades que se desenvolvem em múltiplos níveis. Ao tomar como sujeitos da pesquisa os estudantes-trabalhadores do curso de Ciências Sociais da Uerj, procuro compreender suas percepções e representações sobre as desigualdades no interior do próprio curso que realizam. Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: 1) aplicação de um questionário entre os estudantes matriculados há mais de cinco anos, visando identificar os estudantes-trabalhadores; 2) realização de cinco entrevistas semiestruturadas em profundidade, em que foi possível constatar que o trabalho é um fator dificultador da experiência acadêmica, porém não é considerado determinante como fator explicativo para o atraso na conclusão do curso.

Palavras-chave: Brasil-Ensino Superior; Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; Ciências Sociais; Estudante-trabalhador; Trajetórias acadêmicas.

ABSTRACT: Following the expansion of public higher education in recent years in Brazil, the implementation of public affirmative action policies that made students more heterogeneous and the promotion of student assistance programs (PNAES), there has been a change in the social meaning of the university Brazilian public. Historically considered a locus for the formation of academic and economic elites, they have gradually transformed into a more open and inclusive space. Among its graduates, there are cases of the first graduated members of their families, as a result of the process of incorporating social segments previously excluded from access to enrollment. Despite being more inclusive, the public university has a contingent of students who are unable to fully experience the academic experience due to their student-worker status. This research discusses antagonistic processes: on the one hand, the expansion of opportunities to access enrollment in public universities, on the other, the production of new inequalities that develop at multiple levels. By taking student workers from the Social Sciences course at UERJ as research subjects, I seek to understand their perceptions and representations about inequalities within the course they undertake. Methodologically, the research was

[1] Este trabalho foi submetido originalmente como monografia, para obtenção de título de bacharel, intitulada: *"Aluno-trabalhador, paradoxo entre o estudo e o trabalho simultâneo: estudantes universitários de Ciências Sociais da UERJ",* realizado sob orientação da Profª Drª Raquel Emerique e defendido no primeiro semestre de 2024.

[*] Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, estudante de graduação do curso de Pedagogia da Uerj.

developed in two stages: 1) application of a questionnaire among students enrolled for more than five years, aiming to identify student workers; 2) carrying out five in-depth semi-structured interviews, in which it was possible to verify that work is a factor that hinders the academic experience, but is not considered a determining factor as an explanatory factor for the delay in completing the course.

Key word: Brazil-University education; University of the state of Rio de Janeiro-UERJ; Social Sciences; Student-Worker; Academic Trajectories

Introdução

A partir da expansão do Ensino Superior público em anos recentes no Brasil, da implementação de políticas públicas de ação afirmativa que tornaram o alunado mais heterogêneo e da promoção de programas de assistência estudantil (PNAES), constata-se, em primeiro lugar, que a chegada dos segmentos sociais, antes alijados do acesso à matrícula contribuíram para a alteração do sentido social da universidade pública brasileira, tornando-a mais popular e heterogênea. Historicamente considerada *locus* para formação das elites acadêmicas e econômicas, elas vêm, gradualmente, se transformando em espaço mais aberto e inclusivo. Constata-se entre seus egressos casos de primeiros membros graduados em suas famílias. Em segundo lugar, movidos pela ideia de inclusão, não visam tão somente o acesso ao diploma. Esperam as recompensas sociais advindas da certificação, como oportunidades de trabalhos mais vantajosas e possibilidade de mobilidade social. Contudo, a escolha do curso é um diferencial, ou seja, a graduação pode ser um meio de mobilidade social, mas os melhores salários e oportunidades de trabalho não são equivalentes para todas as formações superiores. Além disso, o aumento de trabalhadores com diploma de graduação expõe o desencontro entre a escolaridade e ocupação:

> (...) as pessoas veem no diploma de ensino superior um mecanismo eficiente para o acesso a ocupações com melhor retorno no mercado de trabalho brasileiro. Nas entrevistas, estes ganhos são usualmente representados através do acesso a bens e serviços - carros, casa, viagens, coisas caras. (LIMA, 2016, p. 89)
>
> O caso brasileiro indica que o aumento do número de trabalhadores com ensino superior não reflete necessariamente as demandas do mercado de trabalho. Um país que apresenta uma diferença significativa de prêmio no mercado de trabalho tendo em vista o nível de instrução, indicador de uma sociedade extremamente desigual, permite compreender as diferentes estratégias de inserção e progressão profissionais dos trabalhadores nos diversos grupos ocupacionais. (ZUCCARELLI, 2020, p. 234)

Apesar das contradições entre expectativas e as reais condições de mobilidade social através do ensino superior, ele se mostra muito atraente e disputado no Brasil. Essa disputa é realizada por "jogadores" de diferentes tipos: desde aqueles jovens que acabam de sair do Ensino Médio até adultos que encontram as condições de possibilidade para realizarem a matrícula no ensino superior muitos anos depois de terem se formado no Ensino Médio. Entre esses dois tipos há uma diversidade de experiências.

Por mais que a universidade pública tenha se diversificado no último quarto de século e construído políticas sociais para garantir a formação dos segmentos mais vulneráveis, há um contingente de estudantes que é impossibilitado de vivenciar a experiência acadêmica em sua pujança devido a condição de ser estudante-trabalhador. Este artigo discute processos antagônicos: de um lado a ampliação das oportunidades de acesso à matrícula em universidades públicas, de outro, a produção de novas desigualdades que se desenvolvem em múltiplos níveis dentro do sistema universitário.

A correlação entre as variáveis "estudo e trabalho"[2] desperta interesse de investigadores sociais há algum tempo. Os sistemas escolares, desde sua origem, foram estruturados para receber populações em idade ideal para a escolarização - em geral crianças e adolescentes fora da vida produtiva. O ensino superior, inacessível para grande parte da população, recebia jovens oriundos da elite econômica e acadêmica, que podiam dedicar o início da vida adulta exclusivamente às atividades acadêmicas. Este quadro começou a se alterar conforme os sistemas escolares - da educação básica ao ensino superior - foram expandindo. A incorporação das massas trazia consigo um alunado com perfil completamente distinto dos segmentos que tradicionalmente acessavam os anos mais avançados de escolarização. No Brasil, a valorização do diploma de ensino superior como moeda de distinção social e instrumento para mobilidade social, forçou os muros das instituições de ensino superior (IES) de modo que elas começaram a incorporar cada vez mais adultos trabalhadores. Conforme esse segmento crescia, ele precisava ser compreendido. As primeiras constatações apontavam para a incompatibilidade, ou concorrência, entre estudo e trabalho: *"o trabalho do estudante tanto prejudica seu*

[2] As categorias "estudante-trabalhador" e "trabalhador-estudante" são distintas na literatura da Sociologia da Educação, Trópia e Souza (2023) as resume, respectivamente, como ao que compreende o trabalho incompleto e parcial, equilibrando-se entre as duas atividades e, ao que trabalha em tempo integral, priorizando o trabalho e dedicando menos tempo aos estudos.

desempenho em atividades ligadas ao aprendizado como também reduz seu grau de envolvimento com o ambiente acadêmico" (CARDOSO, SAMPAIO, 1994).

Conforme as pesquisas foram avançando, contatou-se que a ideia de estudante-trabalhador como portador de *déficits* (sem recursos e, sobretudo, sem tempo) não poderia ser generalizada, ou seja, as atividades do estudo e do trabalho não deveriam ser tomadas como naturalmente excludentes. Surgia a indagação se tal perfil de estudante deixava de ser atípico para se tornar um perfil, se não predominante, muito recorrente, o que envolveria a elaboração de novas metodologias de ensino, de currículo, de instrumentos de avaliação, de experiências acadêmicas etc. capazes de atender às necessidades do estudante-trabalhador. O cenário descrito corresponde, fortemente, ao da rede privada de ensino superior no Brasil, que absorve estudantes pertencentes a grupos de menor renda

> (...) que frequentam cursos noturnos e arcam privadamente com os custos de estudos, levando a uma inversão no modelo escola-trabalho. (...) Os 'novos graduandos' seriam majoritariamente trabalhadores (apenas 31,4% não trabalhavam em 2009) e adultos (há muito inseridos no mercado de trabalho), que teriam, por fatores econômicos e ocupacionais, retornado à escola. (TROPIS, SOUZA, 2023: p. 3/29)

Muito embora tenham ocorrido transformações substantivas, estudiosos têm apontado as dificuldades que os estudantes de IES públicas, oriundos de grupos sociais populares, enfrentam para permanecer nos cursos, usufruir das diferentes oportunidades acadêmicas e até mesmo se diplomar. A política de permanência estudantil foi instituída visando conter a produção de desigualdades no percurso universitário, mas ainda não foi capaz de atingir a abrangência necessária[3].

Nas pesquisas sobre o ensino superior público, o perfil do estudante-cotista tem ganhado destaque. Mesmo não sendo o perfil predominante, a relação dos estudantes com o trabalho merece uma visada. Segundo Trópia e Souza (2023) tal relação pode se dar de três formas distintas: 1) o estudante está ocupado e precisa trabalhar (este é o que não consegue se dedicar de forma plena aos estudos porque divide seu tempo com o trabalho): 2) o estudante está desocupado, mas precisa trabalhar (tem a trajetória acadêmica afetada pela busca do trabalho e preocupado com a sobrevivência material e torna-se suscetível à evasão) e 3) o estudante não

[3] O Plano Nacional de Assistência Estudantil-PNAES (Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010) tem por objetivo auxiliar na permanência dos estudantes de instituições de ensino superior que possuam baixa renda, com medidas voltadas à moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultural, esporte, creche e apoio pedagógico.

está ocupado e não procura trabalho (tem melhores condições para gozar das potencialidades da vida acadêmica, por dispor de tempo para os estudos). Há aqui algumas clivagens: o trabalho para alguns estudantes é o que viabiliza os estudos, enquanto para outros é possível estudar sem se preocupar com trabalho. Essas clivagens descortinam assimetrias em relação à permanência, trajetória e vivência universitárias.

O conhecimento sobre a relação estudo-trabalho nem sempre procede de pesquisas que abordam diretamente a questão do estudante-trabalhador. Zago e colaboradores, por exemplo, verificaram que os dois motivos principais que levaram 21 estudantes a desistirem de suas matrículas na Universidade Federal da Fronteira Sul (campus Erechim), a saber: *"falta de identificação com o curso a que tiveram acesso"* e *"dificuldade de conciliar o estudo com o trabalho"* (ZAGO et al., 2016, p.161). A falta de identificação com o curso, frequentemente, se relacionava com escolhas baseadas na relação candidato/vaga, horário e expectativa que não correspondia à realidade do curso. Segundo o depoimento dos pesquisados, 14 mudaram de curso e seis pararam de estudar - interrupção que afirmaram ser provisória, sugerindo que o trabalho em si não era o principal dificultador, mas potencializava uma dificuldade de outra ordem e mais determinante. Na referida pesquisa, chamou-me atenção o depoimento de um estudante que fez a transferência do curso de licenciatura Ciências Sociais para o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais (Direito):

> O curso [Ciências Sociais] é de extrema qualidade; os professores são capacitadíssimos, do mais alto nível; com dedicação, o aluno sairá um ótimo profissional detentor do saber, entretanto, pouca oferta de concurso público, atuar somente em contratos emergenciais, sem vínculo empregatício, provavelmente será a realidade do formando. Deve-se primeiramente esperar por políticas públicas para melhorar as condições dos professores, planos de cargos e salários; é muito sacrifício pessoal e investimento em tempo para, depois de formado, ganhar apenas R$ 1.200 mensais. (ZAGO, PAIXÃO, PEREIRA, 2016, p. 161).

O depoimento sugere que a mudança de curso não estava relacionada com o trabalho ou com a ausência de identificação com o curso, mas com a falta de perspectiva do retorno financeiro pelo trabalho após a formatura. A dimensão trabalho foi acionada em relação à expectativa de futuro, como uma balança entre os custos e benefícios que o curso implicava. Outra depoente, que desistiu do curso altamente disputado (arquitetura) e desejado por ela, expôs outro aspecto da dimensão trabalho – o desenho institucional da oferta acadêmica que não permitia conciliar o trabalho e o estudo: *"eu esperava poder conciliar o trabalho com o*

curso, mas como as aulas eram manhãs e tardes, não queria desistir do trabalho e nem do curso; gostaria que as aulas fossem no turno da noite". (ZAGO et al., op. cit p. 164).

Até aqui procurei desconstruir a percepção linear de que trabalho e estudos são dimensões necessariamente em conflito. Os dados empíricos mostram que a experiência acadêmica que o estudante-trabalhador tem difere, em grande medida, da experiência acadêmica do estudante-não-trabalhador. Contudo, na relação estudo-trabalho nem sempre o trabalho é o principal elemento explicativo para o abandono, trancamento de disciplinas, atraso ou falta de rendimento acadêmico.

Meu interesse por este tema deve-se ao fato de ter realizado o curso de Ciências Sociais na UERJ (CS/Uerj) na condição de estudante-trabalhadora. Como é comum nesta área, o interesse acadêmico muitas vezes surge como forma de tentar nomear, compreender e explicar a própria experiência. Talvez esse seja o sentido mais preciso da noção de "imaginação sociológica" de C.W. Mills: quando o desenvolvimento do pensamento sociológico está a serviço da construção de conexões entre biografia e história (ou estrutura social). Pretendia, desse modo, compreender a trajetória, experiência e expectativas dos estudantes que, assim como eu, precisavam conciliar os estudos com trabalho.

O artigo está divido em duas partes. Na primeira, apresento os dados do questionário que apliquei nos estudantes de CS/Uerj com matrícula ativa em 2022.1 que possuíam mais de seis anos de integração ao curso. Na segunda parte, após filtrar os estudantes-trabalhadores através dos questionários respondidos, discuto os resultados das entrevistas em profundidade realizadas com cinco estudantes-trabalhadores de CS/Uerj. À guisa de conclusão discuto como a categoria trabalho aparece na fala dos entrevistados e indico outros fatores que contribuem para dificultar a permanência e a conclusão do curso.

1. O perfil dos estudantes de Ciências Sociais da Uerj

Primeiramente, importa esclarecer que o curso de CS/Uerj não é dos cursos com maior relação candidato/vaga no concurso de acesso da universidade - Vestibular Estadual. No ano 2023, a relação foi de 2,46 candidatos/vaga. A título de comparação, naquele mesmo ano, o curso mais concorrido foi o de Medicina (106,07 candidatos/vaga), seguido do curso de

Psicologia (34,9 candidatos/vaga) e Jornalismo (25,20 candidatos/vaga) [4]. Esse padrão não tem variado muito ao longo da última década. São abertas anualmente 100 vagas, das quais 50 são direcionadas para o curso de CS no turno da manhã e 50 para o turno da noite. Essas vagas são fracionadas em dois grupos amplos: estudantes cotistas (50%) e livre concorrência (50%). A duração mínima do curso é de oito períodos para o bacharelado e 10 períodos para a licenciatura. Para as duas formações, o tempo máximo para a integralização do curso é de 18 períodos.

O recorte da pesquisa foi feito sobre os estudantes de CS/Uerj com matrículas ativas no semestre de 2022.1 e que pertenciam às coortes de 2016 e anos anteriores. Ou seja, recaía sobre estudantes com matrículas antigas que totalizavam no momento da pesquisa pelo menos 12 períodos cursados. O estudante da coorte de 2016, por exemplo, estaria na instituição há seis anos, ultrapassando o período mínimo de formação regular. Muito embora haja diversos fatores explicativos para a permanência prolongada no curso, gostaríamos de verificar se a concomitância com o trabalho tinha peso significativo nas representações dos estudantes-trabalhadores e o que os estudantes não trabalhadores indicavam como explicação[5].

Em 2022.1 o total de matrículas ativas no curso de CS/Uerj era de 492 estudantes (UERJ, 2023). Com o perfil proposto para a pesquisa, identificamos 115 estudantes que faziam parte das coortes de 2006 a 2016. A esse grupo foi encaminhado um convite por correio eletrônico para responderem um questionário *online* - elaborado no aplicativo *Googleforms*. Dos 115 estudantes, obtive 25 respostas (menos de 25% do grupo pretendido). O questionário continha perguntas fechadas, com objetivo de filtrar os estudantes que naquele momento trabalhavam e realizavam o curso de CS/Uerj concomitantemente. Após a filtragem selecionaria cinco estudantes trabalhadores para que com seus depoimentos me permitissem responder às duas perguntas de partida da pesquisa: 1) *O trabalho (formal ou informal) realizado simultaneamente com a vida acadêmica prejudica a formação do estudante do curso de CS/Uerj?* 2) *Como o estudante-trabalhador deste curso percebe sua trajetória acadêmica?*

As 25 respostas, englobavam estudantes que ingressaram no curso de Ciências Sociais entre 2010 e 2016. Quanto ao tipo de ingresso desses alunos, 15 foram por reservas de vagas e

[4] Dado extraído do website do Departamento de Seleção Acadêmica (DSEA/Uerj). Ver: https://www.vestibular.uerj.br/anexos/233/estatisticas/2023-RELACAO-CANDIDATO-VAGA_RETIFICADO.pdf - Acesso em: 19 de julho de 2023.

[5] No ano de 2017 a Uerj atravessou uma de suas maiores crises em função do atraso do pagamento dos funcionários por quase seis meses, com interrupção das aulas. Um dos fatores explicativos para o atraso acadêmico se deve a esta crise.

10 por ampla concorrência. Entraram na universidade no ano posterior ao término do ensino médio 6/25. Em relação a trajetória acadêmica, 18 estavam cursando a primeira graduação e sete possuíam outra formação superior, sendo o CS/Uerj a sua segunda graduação.Dos respondentes 13 faziam o curso de CS/Uerj nos turnos diurno e noturno concomitantemente e 11 o realizavam integralmente no curso noturno, ao passo que apenas um realizava o curso no turno diurno. Realizavam o curso de licenciatura concomitante com o bacharelado 21/25 respondentes[6].

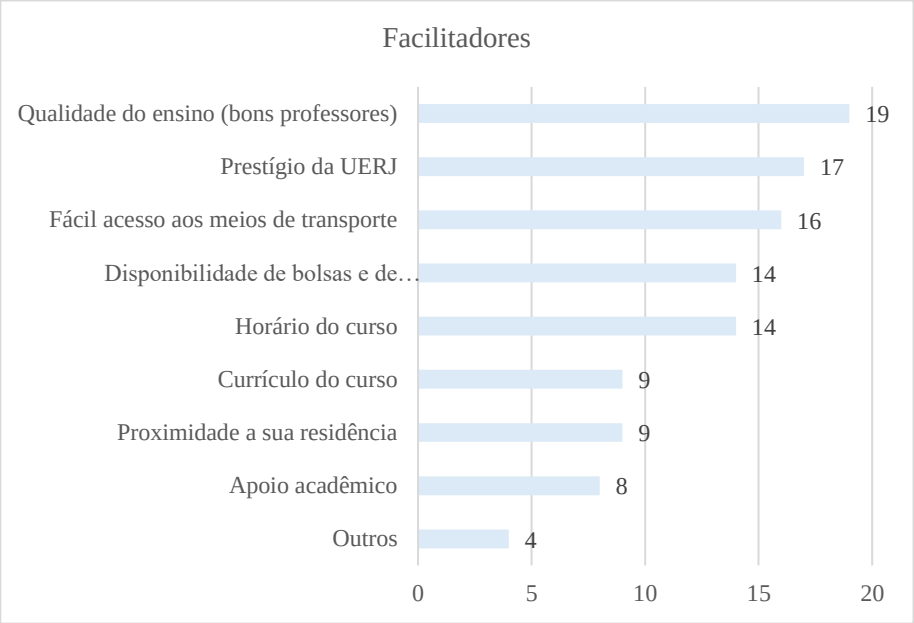
Havia uma pergunta no questionário que indagava os respondentes sobre o grau de satisfação com o curso de CS/Uerj, onde 5 é muito satisfeito e 1 muito insatisfeito. O resultado foi o seguinte: 5/25 responderam que estavam muito satisfeitos (5); 15/25 responderam que estavam satisfeitos (4); 4/25 responderam que era mediano o nível de satisfação (3); e 1/25 declarou insatisfação (2).

Dos 25 respondentes, 10/25 declararam que tinham trabalhos formais (servidores públicos ou trabalhadores celetistas), 3/25 trabalhavam informalmente, 7/25 eram estudantes-bolsistas e 5/25 apenas estudavam. Os estudantes que apenas estudavam (5) realizavam a graduação nos dois turnos. E os trabalhadores formais que realizavam o curso nos dois turnos eram funcionários públicos concursados.

Através de pergunta em que era possível assinalar mais de uma resposta, o formulário indagava sobre fatores facilitadores e dificultadores para a permanência no curso de CS/Uerj. As respostas estão no Gráfico 1 e 2:

Gráfico 1: Fatores facilitadores para a permanência no curso de CS/Uerj

[6] Até 2019, o curso de licenciatura em CS/Uerj tinha o modelo formativo chamado pela literatura de modelo "3 + 1". Isso significa que o diploma da licenciatura estava condicionado ao diploma do bacharelado, pois a licenciatura era uma ramificação opcional que o estudante abria a qualquer momento da formação, podendo, inclusive, pedir reingresso na Uerj para cursá-la mesmo após ter se formado no bacharelado. Após 2020, o curso de CS criou uma entrada específica pelo vestibular para o curso de bacharelado. Em relação à licenciatura, a instituição está aguardando a conclusão do processo de reforma curricular que irá conferir uma entrada específica para este curso pelo vestibular. Diante disso, os estudantes com matrículas ativas que cursavam a licenciatura em CS/Uerj em 2022.1 eram remanescentes do antigo currículo.'

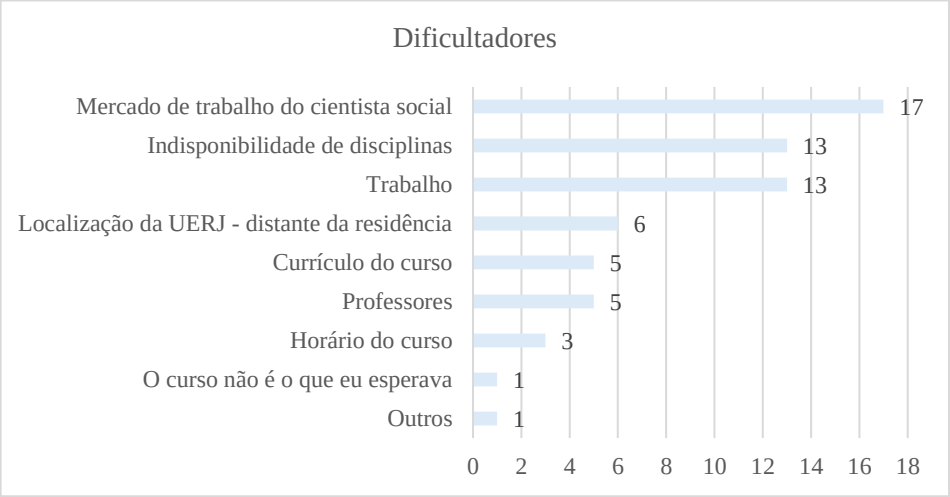


Fonte: elaboração da autora (2024)

Percebe-se que os dois primeiros fatores mais assinalados como facilitadores, seriam efetivamente, fatores motivadores, pois referem-se à qualidade e ao prestígio da IES. Dentre os quatro respondentes que assinalaram a opção "outros", 2/25 apontaram a bolsa permanência e 1/25 assinalou o Restaurante Universitário[7] e 1/25 a possibilidade de adquirir conhecimento. A bolsa permanência – regulamentada pela Lei nº 8.121/18 - visa garantir a permanência do estudante cotista da Uerj. É um benefício mensal conferido ao estudante que ingressa na Uerj através da reserva de vagas, contudo, o estudante deve estar com a matrícula ativa cursando disciplinas, ter uma frequência mínima de 75% e comprovar condição de hipossuficiência socioeconômica em que a renda mensal bruta *per capita* da família seja igual ou inferior a R$ 1.980,00. O valor da bolsa atualmente é de R$ 706,00[8].

Gráfico 2: Fatores dificultadores para a permanência no curso de CS/Uerj

[7] O valor das refeições no restaurante universitário da Uerj é de R$ 2,00 para estudantes cotistas e R$ 3,00 para não cotistas.
[8] Valor reajustado em 01 de janeiro de 2024. Durante a realização da pesquisa o valor da bolsa era de R$ 606,00.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Semelhantemente ao resultado que obtivemos nos fatores facilitadores, o primeiro colocado como dificultador, concerne a preocupação futura em relação ao mercado de trabalho do cientista social[9], o que desestimula a permanência do aluno até a conclusão do curso. Em segundo lugar, como fator dificultador, estão a indisponibilidade de disciplinas[10] e o trabalho. A opção de "outros" foi atribuída às dificuldades financeiras, ou seja, realizar um curso superior público gratuito, ainda assim requer gastos. Em relação ao trabalho como fator dificultador, destacamos que 13/25 o assinalaram – o mesmo número de respondentes que se declararam estudantes trabalhadores (formais e informais). O que parece indicar que o trabalho é um fator dificultador, mas não é o único, nem o mais expressivo. O trabalho se torna um problema muito expressivo, quando visto na perspectiva de futuro: o que fazer com o diploma após a conclusão do curso? A restrição do mercado de trabalho do cientista social é o que mais preocupa e adia a conclusão do curso, segundo os respondentes.

A última pergunta do questionário referia-se ao objetivo em relação ao curso de CS/Uerj. Se na pergunta anterior o principal fator dificultador para a permanência no curso era o mercado de trabalho do cientista social, os respondentes afirmam que visam com o curso de CS a atuação como pesquisadores ao lado do magistério (17/25). Ainda que os respondentes

[9] Com a Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) a obrigatoriedade da disciplina Sociologia é retirada, ainda que componha a BNCC, o que tornou ainda mais precária a oferta de mercado profissional para os licenciados de Ciências Sociais.

[10] A indisponibilidade de disciplinas se deve a intermitência da oferta: as disciplinas obrigatórias não são oferecidas em todos os semestres, além de muitas possuírem pré-requisitos. A oferta de disciplinas eletivas no curso noturno é bastante limitada em função da escassez de salas de aulas. Os respondentes que fazem licenciatura encontram dificuldades em conseguir vagas nas disciplinas ofertadas pela Faculdade de Educação (EDU/Uerj), responsável por um conjunto de disciplinas pedagógicas oferecidas a todos os estudantes de licenciatura do campus Maracanã da Uerj, onde o curso de CS está localizado.

identificassem as limitações do mercado de trabalho para os cientistas sociais, eles vislumbravam atuar na área de formação. O mercado de trabalho do cientista social como dificultador da permanência no curso relacionava-se com a atuação no campo da pesquisa e do magistério, haja vista que o ensino de Ciências Sociais na Educação Básica é marcado por intermitências na percepção dos estudantes, mesmo que no estado do Rio de Janeiro, a Sociologia como disciplina escolar do Ensino Médio esteja consolidada na rede estadual de ensino desde os anos de 1990. Assim, o campo do magistério teria as mesmas incertezas que o campo da pesquisa. Em relação aos objetivos, o terceiro objetivo mais assinalado para 16/25 respondentes foi prosseguir com a formação de pós-graduação, enquanto 9/25 indicaram a intenção de cursar outra graduação. Apenas 3/25 responderam que pretendiam simplesmente obter o diploma do curso superior.

2. O que os estudantes-trabalhadores do curso CS/Uerj pensam sobre suas formações?

Após receber as 25 respostas do questionário, convidei 5 dos 13 estudantes que declararam exercer atividades remuneradas – fosse através de ocupações formais ou informais - para realizar entrevistas individuais em profundidade[11]. As entrevistas foram feitas remotamente, através da plataforma *Zoom*, através de vídeos-chamadas gravadas, com a autorização dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023 e opção pelo formato remoto foi para oferecer a maior condição e comodidade possível aos estudantes-trabalhadores entrevistados. A título de exemplificação, um dos entrevistados só conseguiu realizar a entrevista porque ela foi realizada remotamente durante uma pausa no horário do trabalho.

Os entrevistados possuem características bem distintas, sendo três homens e duas mulheres. Para quatro dos cinco entrevistados o curso de CS/Uerj representava a segunda graduação. Somente um entrevistado realizava exclusivamente o curso de bacharelado e os outros quatro faziam concomitantemente a licenciatura com o bacharelado em CS.

[11] A todos que responderam ao questionário informando exercer atividade remunerada foi encaminhado um convite via correio eletrônico para a realização de uma entrevista em profundidade de forma *on-line* conforme suas disponibilidades, no qual 5/13 se dispuseram a conceder as entrevistas. Reencaminhei o convite aos demais, porém não obtive retorno.

Quadro 1: Dados gerais dos entrevistados[12]

	Ano de Entrada	Ingresso	Modalidade do Curso	Turno
Entrevistado 1	2014	Ampla Concorrência	Bacharel	Diurno
Entrevistada 2[13]	2015	Reserva de Vagas	Licenciatura	Noturno
Entrevistada 3	2016	Reserva de Vagas	Licenciatura	Noturno
Entrevistado 4	2014	Reserva de Vagas	Licenciatura	Noturno
Entrevistado 5	2015	Ampla Concorrência	Licenciatura	Diurno/Noturno

Fonte: elaboração da autora (2024)

Através das entrevistas foi possível compreender a trajetória de cada informante e as dificuldades enfrentadas no percurso. O roteiro das entrevistas foi estruturado sobre cinco eixos temáticos:

Quadro 2: Eixos temáticos e perguntas norteadoras das entrevistas

EIXOS	PERGUNTAS NORTEADORAS
Acesso	A que você atribui sua entrada na faculdade?
Permanência	Quais os principais desafios para sua permanência?
Trajetória	Como você define sua vida acadêmica?
Expectativas de futuro	Quais são suas expectativas de trabalho?
Relação estudo/trabalho	Como relacionar sua vida acadêmica e trabalho?

Fonte: elaboração da autora (2024)

O Entrevistado 1 era o mais velho e tinha se graduado anteriormente em Economia, que segundo ele, ocorreu de forma conturbada, necessitando de 18 anos para se diplomar. Iniciou o curso na Universidade Federal Fluminense e por ser servidor público federal foi transferido com isso foi admitido na Universidade Federal de Sergipe. Acabou concluindo o curso na Universidade Estácio de Sá – instituição privada. A sua motivação para cursar Ciências Sociais tinha relação com o prazer da leitura e com a vontade de realizar um curso que o permitisse ficar "antenado" com os acontecimentos do mundo. Seus filhos também prestaram vestibular para Uerj no mesmo ano que ele, o que o motivou. Porém, um de seus filhos no momento da entrevista já havia concluído o mestrado, enquanto ele ainda cursava a graduação em CS.

[12] Ao responderem o questionário, dois entrevistados disseram estar muito satisfeitos com o curso (atribuíram nota 5), um declarou que estava satisfeito (nota 4). As duas entrevistadas declararam que tinham satisfação moderada (nota 3).

[13] A Entrevistada 2, ao responder à pergunta do questionário sobre o tipo de atividade que realizava, além de marcar a atividade remunerada com carteira assinada, também informou ser mãe, ou seja, além do trabalho remunerado, atribuía à maternidade/trabalho doméstico uma ocupação.

Para a Entrevistada 2, o curso de Ciências Sociais era sua primeira graduação e sua entrada na faculdade se deu de forma automática – ocorreu logo após o término do Ensino Médio. A Entrevistada 3, cursou Pedagogia de 2011 a 2015 na Uerj e decidiu fazer Ciências Sociais para ter uma segunda opção de carreira, pois realizou concurso e procurou trabalho assim que se formou e não conseguiu. O Entrevistado 4 prestou vestibular em 2010, passando para Geografia na Uerj e Ciências Sociais na UFRJ. Porém devido algumas circunstâncias e a questão financeira, optou em fazer Geografia na Uerj no campus São Gonçalo, próximo de sua residência. Mesmo no curso de Geografia, teve muito contato com sociólogos e antropólogos. Inclusive sua orientadora do curso de Geografia era antropóloga, o que o motivou a cursar Ciências Sociais. Após o término do curso de Geografia, prestou vestibular novamente e ingressou no curso de CS/Uerj. O Entrevistado 5 era professor de História. Sua primeira formação foi pela Universidade Estácio de Sá. O que o motivou a ingressar no curso de CS/Uerj foi a tentativa de ingressar na pós-graduação em Ciências Socais/Uerj, sem que obtivesse êxito:

> Tentei fazer o mestrado (...) passei na prova escrita, não consegui passar na entrevista. E aí eu falei: bom... vou começar do começo. Eu começava a ver concursos públicos na área de ciências sociais e via que eles eram muito menos concorridos do que na área de história. [Decidi] tentar uma outra área, mais ou menos que caminhe lado a lado com História. E então eu decidi ingressar na universidade de novo, na graduação de novo, em 2014 que eu fiz vestibular para ingresso em 2015. Pensando nisso, vou fazer uma segunda graduação para efeito de mercado de trabalho, para ampliar meu currículo, mais para conseguir fazer o mestrado, aí na metade da graduação, 2017/18, eu tentei a prova do mestrado novamente, aí com um pouco mais de bagagem, aí eu consegui ingressar no mestrado em 2019. (ENTREVISTADO 5)

O Entrevistado 5 quando concedeu a entrevista havia terminado a graduação e o mestrado em Ciências Sociais. Ele informou que sua esposa estava grávida, o que o motivou a concluir os dois cursos até o nascimento da filha.

De acordo com Lima, o ingresso dos estudantes no ensino superior pode ser classificado em três tipos: 1) como "caminho natural" – perseguido por aqueles que o cultivavam desde cedo, 2) como "caminho desejado, mas não natural" – atravessado por intempéries na jornada até a universidade e, 3) como "caminho inesperado", percorrido por *"aqueles que não imaginavam cursar o ensino superior e foram surpreendidos em diferentes fases da vida por essa possibilidade"* (LIMA, 2016, p. 200)

Usando a tipologia de Lima, os cinco entrevistados poderiam ser classificados como aqueles que tinham o ensino superior como "caminho desejado, mas não natural", devido os desafios enfrentados por eles, dado o *"tom épico escolhido para ressaltar os obstáculos que precisaram superar até o alcance do objetivo traçado desde cedo"* como a *"deficiência do sistema público, o orçamento apertado da família e a conciliação entre trabalho e estudo"* (LIMA, *op. cit.,* p. 201)

O Entrevistado 4, assim como o Entrevistado 5, ingressou no mestrado em Ciências Sociais e, no momento da entrevista, estava concluindo Doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em outra área de conhecimento. Ambos entrevistados falaram que contaram com o apoio de professores, em particular, quando realizaram Estágios Supervisionados do curso de licenciatura. A literatura aponta que o desafio da inclusão do estudante-trabalhador na educação superior surge a partir das *"*(...) *dificuldades que (...) possuem para empreender estágios profissionalizantes, dada a necessidade de abrir mão de um trabalho remunerado em troca de estágios que se caracterizam pela ausência de vínculo trabalhista*" (VARGAS, PAULA, 2011, p. 132).

Quando os cinco entrevistados foram inquiridos sobre os desafios da permanência no curso de CS/Uerj, responderam indicando questões ligadas ao trabalho:

> "(...) o fato de trabalhar, né? De ter tempo, né? E o curso de Ciências Sociais é um curso que você precisa ler muito e demanda muito tempo (...). Se você quiser realmente fazer tudo, fazer bem, bem-feito (...) tem que ter muito tempo para estudar. Eu acho que isso foi o que atrasou mais assim o meu lado, né?" (ENTREVISTADO 1)

> "(...) eu tenho muitos desafios, né? Mas eu acho que (...) a questão financeira, né? (...) eu sou cotista, tudo bem, tenho a bolsa e tudo mais. Só que assim o transporte é uma coisa muito cara, porque por exemplo, onde eu moro, em Parada de Lucas, eu tenho que pegar um trem, o trem não tem RioCard universitário que aceite no trem, então assim, é aquela passagem ali. Acho que o dinheiro conta muito, também o horário que, por exemplo, eu tenho que trabalhar." (ENTREVISTADA 2)

> "(...) Antes, seria o trabalho, principalmente, o trabalho, é muito cansativo."[14] (ENTREVISTADA 3)

> "Eu acho que (...) o problema da grade muito extensa e algumas disciplinas [são] desnecessárias (...). Como professor de ensino de sociologia agora, olhando para as ciências sociais, eu acho que a grade precisava ser reformu-

[14] No momento da entrevista, o contrato de trabalho da informante havia acabado. Por esta razão se refere ao passado: "Antes, seria o trabalho..."

> lada e precisava ter uma adequação. Eu via muitos colegas que não conseguiam fazer a licenciatura, e muito menos em cinco anos, eu tenho colegas da minha turma e eu ingressei em 2014, ainda estão na licenciatura, ainda estão presos justamente por causa disso, porque tem a demanda do trabalho e tal." (ENTREVISTADO 4)

> "É, sem dúvida que assim o tempo, era o principal dificultador porque eu sou professor de História da Rede municipal do Rio de Janeiro, a minha carga horária é de 40 horas de trabalho semanais. Então eu trabalho basicamente todos os dias de manhã e à tarde. (...) Então, o deslocamento me atrapalhava, enfim, consumia boa parte do meu tempo também. Mas o tempo era o principal fator para me atrapalhar, porque trabalhando todos os dias, tinha dia que eu saía da sala de aula da escola cinco horas da tarde, tendo que estar na Uerj para a aula de seis horas, que era impossível, sempre, e eu trabalho longe da universidade." (ENTREVISTADO 5)

Interessante notar que cada fala engloba algum aspecto da categoria trabalho. Os homens entrevistados atribuíram a falta de tempo, decorrente do trabalho, seu maior dificultador na permanência do curso. A Entrevistada 3 remeteu ao cansaço provocado pela rotina do trabalho e do estudo. A Entrevistada 2, enfatizou a questão financeira e a necessidade de trabalhar.

> Por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização. Essa situação, em verdade, traduz a evidência das incompatibilidades entre estudo e trabalho, ou seja, a possibilidade ou não de uma escolaridade longa, segundo a relação do estudante com o trabalho. (VARGAS, PAULA, 2013, p. 465)

Após conhecermos as dificuldades de cada entrevistado - lembrando que são estudantes que ingressaram de 2014 a 2016 - ao perguntar como definiriam suas vidas acadêmicas, o Entrevistado 1 diz que *"devagar"* e a Entrevistada 2 diz que é um *"caos"*.

Quanto à expectativa de trabalho, o Entrevistado 1 - funcionário público federal -respondeu que já estava no topo da carreira e que realizava o curso para adquirir conhecimento. As Entrevistadas 2 e 3 afirmaram não possuir expectativa clara na área de Ciências Sociais, diferentemente dos Entrevistados 4 e 5, que tinham algumas expectativas fortalecidas pelos cursos de pós-graduação que realizaram.

Finalmente, questionei os entrevistados sobre as suas maneiras de conciliar os estudos com o trabalho:

> "(...) antes da pandemia, quando eu estava no trabalho presencial, (...) eu achava até que eu tinha mais tempo para trabalhar, porque agora eu estou em *home office* (...) agora em casa já é o trabalho, né?" (ENTREVISTADO 1)

> "(...) Então minha vida acadêmica está no último patamar, na verdade, porque acaba que, querendo ou não, tem mais demandas muito grande, porque, por exemplo, a vida pessoal (...) existe um bebê e eu lidando com meus problemas

> internos. Então que isso acaba tendo que ser minha prioridade, não só pelo bebê, mas também por mim, né? Em segundo lugar, acaba ficando o meu trabalho. Não que eu goste dele, financeiramente falando, porque do que eu faço eu gosto, mas que eu tenho que estar ali por necessidade, sabe? (...) acaba que a faculdade fica em terceiro lugar e ao mesmo tempo ela também se torna uma obrigação a partir do momento da bolsa. É na verdade, às vezes eu agradeço a bolsa, independente até do valor, independente até do dinheiro, porque é o que me manteve na faculdade." (ENTREVISTADA 2)

> "Não é fácil não, tá? Porque assim, é, se você me perguntar se fosse para escolher um dos dois, como você faria? Eu ia ter, eu escolheria o trabalho, tá? (...) infelizmente nós temos que trabalhar, é uma necessidade, eu não tenho outra opção, eu não vou deixar de trabalhar pra fazer faculdade, por mais que eu sou, eu sou cotista. E assim (...) eu tive como conciliar os dois. Te falar, não é fácil, tinha vezes que eu não conseguia. Estava presente só de corpo, porque de mente estava cansada, não é fácil não." (ENTREVISTADA 3)

> Quando você é pobre, você precisa aprender, né? Mas falando sério assim, eu estava até conversando com uma psicanalista uns tempos atrás e na realidade, não tem como a gente dar conta de tudo, eu consigo dar conta, tem semanas que eu consigo dar conta do trabalho, consigo dar conta das leituras, assim aqui agora tem muitos livros aqui, tem vezes que eu consigo dar conta do doutorado, tem vezes que eu não consigo nem limpar a casa (...) mas, assim, eu tento fazer tudo, mas alguns momentos não dá para fazer muito, não dá, tem que ter prioridades". (ENTREVISTADO 4)

> "Bom, a vida acadêmica ocupou espaço durante muito tempo. (...) Em relação ao trabalho, sim, ele ocupa um espaço considerável na minha vida, dentro do meu tempo, (..) no meu dia a dia, na minha rotina". (ENTREVISTADO 5)

Percebe-se na fala de cada um dos entrevistados a dificuldade para lidar com trabalho concomitantemente com os estudos, como se fosse um malabarismo. Porém, a necessidade de recursos financeiros, faz com que seja preciso trabalhar, e a expectativa de estarem em melhores condições competitivas no mercado de trabalho, fez com que alguns prolongassem a formação, buscando maior qualificação acadêmica.

À guisa de conclusão

A rotina simultânea do trabalho e do estudo é demasiadamente cansativa, seja sob o aspecto físico ou mental. As duas atividades requerem tempo e dedicação, o que causa conflitos internos no estudante-trabalhador. Não que uma atividade exclua a outra, porém os estudos

acabam sendo realizados morosamente, o que explica o tempo estendido de graduação dos entrevistados.

A realidade do estudante universitário trabalhador não é nova, mas ainda não avançamos no conhecimento que fundamente intervenções que possam amenizar as dificuldades decorrentes da conciliação entre trabalho e estudo. Em Portugal, por exemplo, existe o Estatuto do Trabalhador-Estudante, previsto no Código do Trabalho, no artigo 89º da Lei nº 7/2009, que tem como objetivo de garantindo direitos e definindo deveres às partes envolvidas: estudante-trabalhador, empregador e a instituição de ensino. Algumas medidas que constam no referido Estatuto são: a flexibilidade do horário de trabalho que permita a frequência às aulas; a dispensa de algumas horas de trabalho semanais; possibilidade de conciliar as férias do trabalho com as escolares e a promoção profissional do estudante-trabalhador de acordo com a diplomação obtida.

Ainda que as medidas adotadas em Portugal não podem ser simplesmente transplantadas para o contexto brasileiro no Brasil, algumas indicações poderiam constar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Com exceção do Entrevistado 1, os demais reforçaram a necessidade de trabalhar e a importância que atribuem à graduação para melhor colocação no mercado de trabalho. Contudo, temos uma incongruência: percebemos que nossos entrevistados tinham baixas expectativas do mercado de trabalho para cientistas sociais com diploma de graduação. O que leva ao questionamento sobre as possibilidades desta formação contribuir para desejada mobilidade social, sendo necessário ingressar em um mestrado e/ou doutorado para almejar algum retorno da formação.

Vários são os fatores que impossibilitam os novos estudantes e estudantes-trabalhadores - que adentraram no ensino superior a partir do processo de expansão das matrículas nas IES públicas - a se dedicarem exclusivamente aos estudos. Neste trabalho me dediquei a compreender a trajetória de alguns estudantes-trabalhadores do curso de CS/Uerj, que apontaram como impedimento para a fruição da vida acadêmica o trabalho remunerado que realizavam. Observamos, a partir de questões tangenciadas pelos entrevistados, que há outros fatores dificultadores entrelaçados, tais como a dedicação à família e à maternidade, os limites impostos pela condição física e mental. O presente estudo não tem pretensão de esgotar a temática, mas trazer contribuições que possibilitem novas reflexões a partir das trajetórias dos entrevistados. Com

isso, esperamos que uma agenda de pesquisa se abra para a compreensão de aspectos que comprometem a permanência e a vivência da experiência universitária por estudantes-trabalhadores.

Referências

BRASIL. Lei nº 13415, de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art1

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite; SAMPAIO, Helena. Estudantes Universitários e o trabalho. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 9, n. 26, out. 1994, p. 1-31.

CARVALHAES, F., & Ribeiro, C. A. C. (2019). Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional. In: *Tempo Social*, v. 31, n. 1, 2019, p. 195-233.

LIMA, Raquel Guilherme de. *Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social através do ensino superior.* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Sociologia).

SANTANA DOS SANTOS, Lediane, BARBOSA DA SILVA MARTINS, Kézia Siméia y JUSTI, Jadson. Tornar- se mãe durante a formação acadêmica: desafios da maternidade sob a perspectiva educacional e sociológica. In *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, marzo, 2020. Disponível em: https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/03/maternidade-perspectiva-educacional.html Acesso em junho de 2024.

TAGLIARI, Clarissa; LIMA, Raquel G.; CARVALHAES, Flávio A. O. O perfil institucional do sistema de ensino superior brasileiro após décadas de expansão. In: BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira (Org.). *A Expansão Desigual do Ensino Superior no Brasil.* 1ed. Curitiba: Appris, 2020, v., p. 27-56.

TRÓPIA, P. V.; SOUZA, D. C. C. de. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais". In: *Proposições*, Campinas, v. 24, 2023, 29 p.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ). *Anuário Estatístico 2023. Base de dados 2022.* Núcleo de Informação e Estudos de Conjuntura (NIEC). Rio de Janeiro: UERJ, 2023.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. de F. C. de. "A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado". In: Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior. Campinas, v. 18, n. 2, 2013, p. 459–485.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. F. C. Novas fronteiras na democratização da educação superior: o dilema trabalho e estudo. In: *Revista Argentina de Educación Superior*. 2011. Disponível em: http://www.revistaraes.net/revistas/raes3_art7.pdf Acesso em junho de 2024.

VAZ, K. C. S.; VAZ, F. M. Inserção profissional dos jovens concluintes da educação superior. BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. (Org.). *A expansão desigual do ensino superior no Brasil.* 1ed. Curitiba: Editora Appris, 2020, p. 191-216.

ZAGO, N., PAIXÃO, L. P., & PEREIRA, T. I. Acesso e permanência no ensino superior: problematizando a evasão em uma nova universidade federal. *Educação Em Foco*, v. 19, n. 27, 2016, p. 145–169.

ZUCCARELLI, Carolina. Desencontro entre escolaridade e ocupação para trabalhos com ensino superior. In: BARBOSA, Maria Ligia. (Org.). *A expansão desigual do ensino superior no Brasil.* 1ed. Curitiba: APPRIS 2020, p. 217-239.